

# UMA ANÁLISE COMPARATIVA DO FILME JOVENS BRUXAS COM A OBRA LITERÁRIA O LIVRO SAGRADO DOS MISTÉRIOS FEMININOS

*Azenate Gonçalves de Almeida<sup>1</sup>*

*Dolores Puga<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este trabalho parte do projeto de pesquisa intitulado: Diálogos entre História e Cinema: um estudo do filme “Jovens Bruxas” e a construção representacional da Wicca pelo olhar da arte. Buscou-se a partir de uma análise comparativa da obra filmica *Jovens Bruxas* (1996) e a obra literária *O Livro Sagrado dos Mistérios Femininos* (1989), compreender a partir de quais perspectivas históricas, sociais e culturais ambas as obras foram elaboradas, analisando o contexto de concepção da Wicca Diânica enquanto prática religiosa na década de 1970. Constrói-se avaliações sobre os elementos e narrativas que compõem as respectivas criações, buscando analisar como o diretor Andrew Fleming se apropria de características da Wicca Diânica para a construção representacional de seus personagens. Dentro desse contexto cinematográfico, será analisado qual a influência de Pat Devin, sacerdotisa Wiccana enquanto consultora do filme, e quais as suas motivações para tal.

**Palavras chave:** Religião; Wicca Diânica; magia, cristianismo.

## A COMPARATIVE ANALYSIS OF YOUNG BRUSSELS FILM WITH THE WORK WOULD LITERATE THE SACRED BOOK OF WOMEN'S MYSTERIES

**Abstract:** This work is part of the research project entitled: Dialogues between History and Cinema: a study of the film “Young Witches” and the representational construction of Wicca through the eyes of art. it was sought from a comparative analysis of the filmic work *Young Witches* (1996) and literary work *The Sacred Book of Feminine Mysteries* (1989), to understand from which historical, social and cultural perspectives, both works were elaborated. Analyzing the context of the conception of Dianic Wicca as a religious practice in the 1970s. Building evaluations on the elements and narratives that make up the respective creations, seeking to analyze how director Andrew Fleming appropriates a characteristic of Dianic Wicca for the representational construction of his characters. Within this cinematographic context, it will be analyzed the influence of Pat Devin, priestess Wiccan as a consultant for the film, and what are his motivations for doing so.

**Key words:** Religion; Wicca Dianic; magic, Christianity

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS - Câmpus de Coxim). Aluna de Iniciação Científica (PIVIC) da UFMS (2018-2020). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Usos do Passado. Pesquisa questões concernentes a Diálogos entre História e Cinema: um estudo do filme *Jovens Bruxas* e a construção representacional da Wicca pelo olhar da arte.

<sup>2</sup> Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS – Câmpus de Três Lagoas). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Antiga e Usos do Passado. Pesquisa questões sobre teatro grego antigo, paganismo e suas releituras na contemporaneidade.

## INTRODUÇÃO

O filme como fonte documental se tornou algo comum na atualidade entre pesquisadores de diversos campos da historiografia. Para Mônica Kornis “todo filme é um objeto de análise para o historiador” (KORNIS, 1992, p.242-243). O longa-metragem *Jovens Bruxas*, foi lançado em 1996 e dirigido por Andrew Fleming. Possui duração de 1:40 sendo classificado como “R: por algum terror e violência”, e caracterizado como gênero dramático. Foi produzido pela indústria hollywoodiana com alguns elementos da bruxaria moderna. O enredo é protagonizado por quatro meninas adolescentes: Nancy, Sara, Rochely e Bonnie que interpretam o papel de bruxas. Juntas elas se unem para praticar bruxaria<sup>3</sup> e fazer feitiços na busca para que seus desejos sejam realizados. Como base para sua criação, o filme contou com a chamada religião da Wicca Diânica<sup>4</sup> para compor alguns elementos como rituais e símbolos. Como consultora da obra, Andrew contrata Pat Devin, uma sacerdotisa Diânica integrante de um Coven<sup>5</sup> do Sul da Califórnia para o auxiliar na caracterização do roteiro. Qual será a intenção de Pat ao aceitar este convite? Buscando analisar estas composições é possível observar que a representação que Fleming traz em seu enredo está ligada a uma perspectiva já construída da imagem da bruxa no medievo com uma mistura de terror e drama adolescente.

*O Livro Sagrado dos Mistérios das Mulheres* foi escrito por Zsuzsanna E. Budapest e lançado em 1989, que também é fundadora da religião Wicca Diânica nos Estados Unidos a partir de 1970. O culto instituído por Budapest é fundamentado na “Wicca”<sup>6</sup> que surgiu na

---

<sup>3</sup> Segundo Janluis Duarte acerca do antropólogo e autodenominado bruxo Gerald Gardner: Para “o significado da Bruxaria, Gardner dedica dois capítulos inteiros ao ‘pensamento mágico’. No entanto, pouco ou nada acrescenta ao entendimento do que ele considera como fonte do poder das bruxas, ou sobre o que seria, efetivamente, o papel da magia no contexto da sua religião. Os capítulos são dedicados, principalmente, em explanações sobre os processos envolvidos na prática da chamada ‘Alta Magia’, ou magia ritual e, de forma periférica, na diferenciação entre esse tipo de magia e aquela praticada pelas bruxas. De uma forma geral, o que se pode extrair de Gardner em suas obras inaugurais sobre a Wicca é que, no seu entendimento, a magia das bruxas assemelhava-se àquela que ele via como sendo praticada pelos povos primitivos. Estaria ligada a um poder inato de certas pessoas, ao conhecimento de técnicas para canalizar e potencializar esse poder e, além disso, ao conhecimento da manipulação de ervas e ‘venenos’ com finalidades específicas.” (DUARTE, 2013, p.137).

<sup>4</sup>A Wicca Diânica é baseada na Wicca tradicional, e os rituais Diânicos se assemelham a rituais wiccanos em detalhes, como o uso de ferramentas rituais, por exemplo, lançando um círculo ritual com o athame (VELKOBORSKÁ, 2010, p.11)

<sup>5</sup> Para Janluis Duarte: “a palavra “tradição”, no jargão popular da Wicca, foi ressignificada para representar um grupo de covens com uma linhagem comum, que compartilham particularidades a respeito de suas crenças e práticas. Nos EUA, as tradições surgem geralmente de um coven ou grupo original, que postula uma prática específica, e se ramifica conforme seus membros adquirem o grau de iniciação ou mesmo a vivência necessária para formarem seus próprios grupos”( DUARTE, 2013, p.137).

<sup>6</sup> A Wicca é uma religião duo teísta. Como o divino é visto como homem e mulher, é adoração um deus e deusa em suas numerosas formas e por seus diferentes nomes. O deus é percebido e descrito como um deus com chifres, e como tal é uma representação do animal, humano e piedoso. A deusa é descrita como uma trindade, donzela, mãe e anciã, que corresponde às três fases da lua - crescente, cheia e minguante. Vendo o mundo e o divino como a cooperação e a harmonia de homens e mulheres princípios também se refletem na estrutura do grupo- os rituais são

Inglaterra nos anos 1950 e que se embasa na magia e no culto ao casal sagrado, o Deus e a Deusa. A vertente Diânica, diferente da Wicca tradicional, busca elaborar bases para um culto matrifocal cultuando várias deusas que compõem tanto a antiguidade quanto deusas mais contemporâneas como Nossa Senhora de Guadalupe. Buscando referências nessas deusas, Budapest elabora uma tradição com práticas e rituais direcionados às várias fases da vida da mulher, construindo assim um guia para que os rituais fossem feitos pelas próprias mulheres sem a necessidade de serem iniciadas.<sup>7</sup>

Quando se observa a composição das personagens pode se perceber, por exemplo, que a personagem Nancy é a mais irreverente, é ela que consegue invocar e receber o espírito Manon<sup>8</sup>, o Deus criado pelo diretor junto com Pat Devin para representar uma divindade no filme. *Jovens Bruxas* foi criado em meados da década de noventa. Nesse período, a Wicca enquanto religião estava começando a ser divulgada e aberta ao público, anteriormente suas reuniões aconteciam secretamente, como nos apresenta Janluis Duarte:

A Wicca manteve-se, ao longo de suas primeiras duas décadas de existência, uma religião de difícil acesso para o público em geral. Embora tenha havido certamente exceções, para todos os efeitos práticos a única maneira de tornar-se um Wiccano era vir a conhecer algum grupo de praticantes e, posteriormente, ser convidado a nele ingressar. Esse ingresso, a exemplo do que ocorria na maior parte das sociedades herméticas, dava-se através de um ritual de iniciação, no qual o pretendente jurava fidelidade aos princípios do grupo e fazia a promessa solene de não revelar suas práticas a quem não pertencesse à religião. (DUARTE, 2013, p.39)

Duarte destaca que este medo ocorria pois ainda se tinha aquele receio de caça às bruxas “Os motivos apontados para isso eram vários, mas de uma forma geral se prendiam ao mito do ‘tempo das fogueiras’” (2013, p.39). Com o surgimento de outras vertentes da Wicca, a partir da 1990 surge o interesse de alguns de seus praticantes de torná-la conhecida do público. E alguns

---

liderados por um padre e sacerdotisas cujas responsabilidades e importância são perfeitamente iguais. A proporção de homens e mulheres no grupo de trabalho, o chamado “coven”, também deve ser equilibrado (VELKOBORSKÁ, 2010, p. 245).

<sup>7</sup> A Wicca é uma religião de mistério e uma tradição iniciática. Muito do que os wiccanos fazem é secreto e revelado apenas aos iniciados sob o juramento de sigilo. Isso significa que uma pessoa interessada na Wicca tem que passar por uma fase relativamente difícil de treinamento para ser finalmente iniciado (VELKOBORSKÁ, 2010, p.246).

<sup>8</sup> Sobre o “espírito Manon”, Pat Devin, em uma entrevista concedida à John Yohalem afirma: “Quando eu li o roteiro pela primeira vez, eu brinquei que as garotas estavam na verdade invocando o espírito de uma garota francesa loira e irritada que estava brava com a morte de seu pai (do filme *Manon of the Spring*). Acontece que é exatamente onde o escritor Jim Filudi conseguiu o nome – ele apenas gostou do nome.” (DEVIN, 1998)

lançam literaturas explicando o que era a religião, como eram esses rituais e como fazê-lo. Diante disso, pode-se perceber o interesse da sacerdotisa Pat Devin de ser consultora do filme.<sup>9</sup> Pat foi convidada pelos criadores da película fílmica para ser consultora ajudando na composição de rituais, iniciação e chegou até interferir em algumas cenas: “A ideia de que as garotas queriam ‘um quarto’ para que ficassem uma para cada canto era minha - muitas vezes, no meu círculo de mulheres, temos uma Sacerdotisa diferente em cada canto. Eu designei cada garota para um Elemento”. (DEVIN, 1998). Mesmo contendo símbolos rituais da religião Wicca Diânica, o filme não foi nem um pouco fiel à religião. Pat Devin declara em entrevista: “Eu sabia que os resultados não seriam perfeitos, mas me senti obrigada a tentar, já que o filme sairia em qualquer momento” (DEVIN, 1998).

### **Elementos católicos no filme *Jovens Bruxas***

Muitas cenas do filme acontecem em uma escola, instituição católica com elementos simbólicos do catolicismo. Estes símbolos foram alterados pelo diretor em diversas cenas do filme, como por exemplo a imagem do crucifixo de Jesus Cristo fazendo gesto obsceno que aparece na porta de entrada da escola quando a personagem de Sara está chegando no seu primeiro dia. As imagens de Cristo crucificado na sua maioria é representada com as mão abertas.

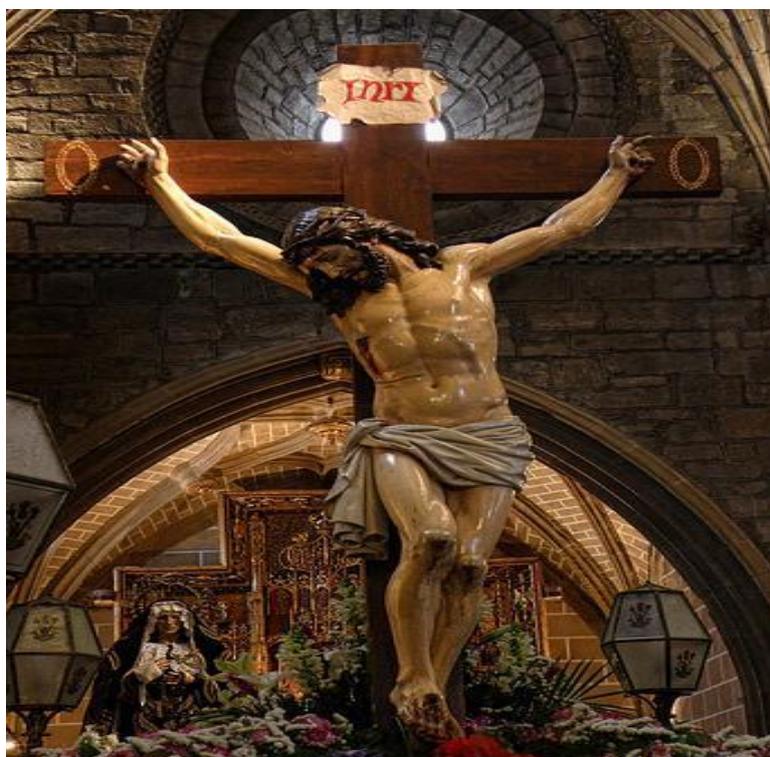
O que o diretor quis dizer ao focar em câmera lenta na imagem enquanto Sara adentra o colégio? Para Mônica Kornis “Os vários elementos da confecção de um filme – a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor são elementos estéticos que formam a linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real.” (1992, p. 239).

A **Imagem 1** foi retirada do blog Redemptionis Sacramentum um site católico que contém informações sobre a instituição católica. Em várias imagens observadas na internet a figura de Cristo ou está com a mão totalmente aberta ou com os punhos cerrados. A **Imagem 2** foi printada da cena do

---

<sup>9</sup> “O Ofício [*Jovens bruxas*] foi visto por aproximadamente um milhão de pessoas em seu primeiro fim de semana. Se uma em cada dez dessas pessoas estiver intrigada o suficiente para analisar o assunto, talvez leia um livro (e agora há prateleiras cheias de livros!) Que são 100 mil pessoas que pelo menos serão mais instruídas sobre a nossa realidade. Se uma em cada dez dessas pessoas escolher continuar com o assunto, são 10 mil pessoas no primeiro final de semana.” (DEVIN, 1998)

filme *jovens bruxas*, observe que o dedo indicador da imagem representada faz menção a um gesto obsceno.



**Imagem 1**

Fonte: <[http://redemptionis-sacramentum.blogspot.com/2011/02/serie-mitos-liturgicos-comentados-mito\\_20.html](http://redemptionis-sacramentum.blogspot.com/2011/02/serie-mitos-liturgicos-comentados-mito_20.html)>



**Imagem 2**

Fonte: Filme *Jovens Bruxas*

Como apontado, anteriormente, Sara chega ao colégio e as cenas começam a aparecer em câmera lenta. Logo em seguida aparece um crucifixo de Jesus Cristo e Sara olha pasma o

objeto, o mesmo foi fabricado fazendo um gesto obsceno e o diretor queria que essa imagem fosse mostrada com clareza uma vez que a câmera passa bem lentamente. A imagem é instigante e como ressalta Mônica Kornis o filme:

[...] passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. Os vários elementos da confecção de um filme – a montagem, o enquadramento, os movimentos de câmera, a iluminação, a utilização ou não da cor são elementos estéticos que formam a linguagem cinematográfica, conferindo-lhe um significado específico que transforma e interpreta aquilo que foi recortado do real. (KORNIS, 1992, p.239).

A imagem de Jesus Cristo é um símbolo pragmático para os cristãos, porém Fleming fez questão de usá-lo “mostrando dedo” demonstrando que a bruxaria se confrontaria com o cristianismo. Se essa imagem for vista por um cristão, o mesmo poderia ficar com raiva diante do objeto representado, e essa é a ideia do diretor. Ele distorce os elementos que compõe a Wicca, e coloca em cena a perspectiva que daria mais sucesso de público nos cinemas.

Outra cena emblemática que Fleming retrata é a de Nancy andando sobre as águas depois de receber o espírito Manon.<sup>10</sup> Nancy invoca o espírito Manon, e enquanto ele desce sobre ela na praia em forma de raio, acontece uma tempestade. Nesse momento, a cena do filme fica escura e aparecem as personagens Rochele, Bonnie e Sara, que estão caídas no chão e começam a se levantar e se perguntar se Manon veio. Neste momento elas olham e Nancy está vindo caminhando sobre o mar.

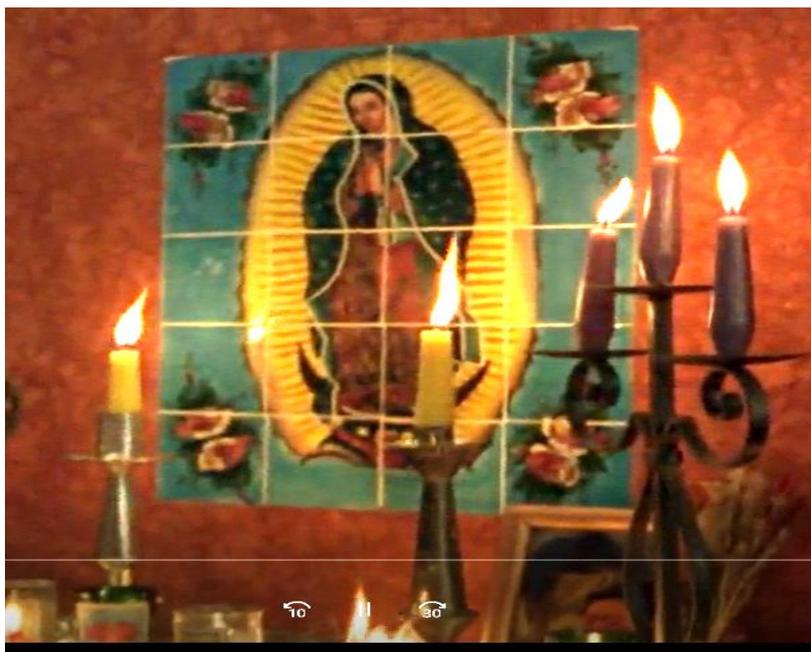
Observa-se na cena que o ritual acontece quando ainda é noite. As atrizes que interpretam as bruxas despertam depois da tempestade tê-las feito desmaiar e assistem, atônitas, Nancy caminhando por cima das águas. Nancy se dirige à elas: “Vocês viram isso, eu fui abençoada, eu o sinto correndo nas minhas veias [se referindo a Manon], ele está em mim e é incrível” (Nancy, 1996, 00:57:30). Logo em seguida se ouve um barulho de sirene e baleias estão encalhadas na praia. Nancy se dirige até lá e diz: “Vejam isso, isso é lindo. São presentes, são os meus presentes, agora eu sou filha dele, e ele está em tudo, em todo lugar” (Nancy, 1996, 00:58:16). Apenas Nancy recebe o espírito e somente ela anda sobre as águas. Quando a figura de Cristo é descrita no evangelho de Mateus recebendo o chamado “espírito santo”, como prova

---

<sup>10</sup> Segundo Pat Devin “Este foi criado para dar nome a uma representação de um Deus no filme, embora não exista listado em nenhum lugar como um deus antigo. [...] decidimos ficar com Manon, já que eu não o encontrei listado em lugar algum e eu não queria hordas de adolescentes correndo para a praia ou para a floresta invocando alguém real” (DEVIN, 1998)

que ele era o escolhido, ele anda sobre o mar dentro da perspectiva cristã: “Mas a quarta vigília da noite, dirigiu-se a eles caminhando por cima do mar” (MATEUS, v.25). Os discípulos olham Jesus perplexos, assim como as garotas olham para Nancy. Vejam a assimilação da personagem Nancy a Jesus Cristo: quando este andou sobre as águas, ele foi reconhecido filho de Deus pelos seus discípulos. “Então aproximando se dele os que estavam no barco e adoraram-no dizendo: és verdadeiramente o filho de Deus”. (MATEUS, V.33). Logo, Nancy é reconhecida filha de Manon, pois a mesma tem o poder de andar sobre as águas. Além disso, Jesus assim o faria na quarta vigília da noite – entre três e seis da manhã –, e é possível observar que o diretor apontou Nancy caminhando sobre as águas com o dia amanhecendo. É cômico observar como o diretor se apropria de acontecimentos relacionados ao cristianismo para a composição dos personagens e cenas. Para Roger Chartier “o conhecimento do signo enquanto signo, no seu distanciamento da coisa significada, e a existência de convenções partilhadas é que regulam a relação do signo com a coisa “(CHARTIER 1985, p.21).

Nossa senhora de Guadalupe, por exemplo, é a santa que o diretor Fleming escolhe para compor o cenário de sua obra, mas por que a Nossa Senhora de Guadalupe? A santa aparece diversas vezes ou mais durante o filme e quando Sara vai à loja de utensílios para bruxaria a câmera segue mostrando a loja e quando chega em Guadalupe começa a passar bem devagar, como pode ser observado na **Imagem 3**.



**Imagem 3**  
Fonte: filme *Jovens Bruxas*

Como pode ser observado, a imagem representada contém elementos simbólicos da Nossa Senhora de Guadalupe na atualidade, mas também de elementos da Wicca, tais quais as velas de cores variadas. Mas como é possível conter uma santa que é um símbolo significativo do cristianismo no México<sup>11</sup> dentro de uma loja de bruxaria? Segundo o sociólogo Francisco Bernette García, que estudou a origem da santa no México, Nossa Senhora de Guadalupe era a antiga deusa Tonantzin: deusa mãe cultuada pelos nativos no México. Tendo o seu templo substituído pelo de Guadalupe quando colonizadores cristãos chegaram à região:

Nesse local eles tinham um templo dedicado à mãe dos deuses, que eles chamam de Tonantzin, que significa nossa mãe. Lá eles fizeram muitos sacrifícios em honra desta deusa, e eles vieram a ela de terras muito distantes, mais de vinte léguas de todas as regiões do México, e trouxeram muitas ofertas: homens e mulheres e rapazes e moças iam a esses festivais. A multidão estava ótima esses dias e todos disseram "vamos para a festa Tonantzin"; E agora que a Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe foi construída ali, eles também a chamam de Tonantzin, aproveitando a oportunidade dos pregadores que também a chamam de Tonantzin. (GARCÍA, 2016, p. 40).

García destaca que a deusa Tonantzin sofreu um sincretismo, passando a se tornar Nossa Senhora de Guadalupe. “A nova figura mítica é nominalmente Católica, mas nela sobrevive a resistência da deusa original. (GARCÍA, 2016, p. 34). Diante dessa representação de Guadalupe no filme pode-se observar mais uma vez o diretor usando elementos do cristianismo para falar da bruxaria. Ou seja, o cristianismo é intolerante com outras religiões a ponto de discriminar e matar pessoas, mas divindades da bruxaria estão dentro do cristianismo e são adoradas pelos cristãos como santos. Essa figura em especial, Nossa Senhora de Guadalupe, faz parte do núcleo simbólico da bruxaria, sendo referenciada por Budapest:

Maria é descrita de muitas maneiras engenhosas. Primeiro de tudo, a Senhora de Guadalupe apareceu no mesmo lugar de um santuário anterior da Deusa, e pediu-se um novo templo. Quando o camponês a quem ela apareceu pediu um sinal para fazer os bispos acreditarem nele, ela lhe deu rosas. As rosas são sempre uma flor sagrada da mãe, especialmente as vermelhas. Esta imagem é muito remanescente de uma vagina. Se você apertar os olhos, a idéia pagã brilha através da porta da vida, e a yoni aparece (BUDAPEST, 1989, p. 240).

---

<sup>11</sup> Segundo Francisco Bernette “A verdade é que a devoção à Virgem de Guadalupe é comum à grande maioria dos mexicanos, que ainda hoje a consideram diretamente sua mãe (mais do que uma mediadora entre Deus e os homens) e, ao mesmo tempo, o ponto simbólico de união da população mexicana, independentemente de sua origem e onde vive.” (GARCÍA, 2016, p.36).

A figura de Nossa Senhora de Guadalupe é muito venerada no catolicismo, principalmente pelos mexicanos que a têm como a sua padroeira<sup>12</sup>. Porém, ela também é adorada em alguns rituais pela religião Wicca Diânica<sup>13</sup> e Budapest a defende como sendo uma deusa mãe que os católicos transformaram em uma representação católica.

Fleming se apropria desses elementos já construídos para construção de seus personagens. A escola em que as garotas estudam, no filme, é um colégio católico. Mas por que o diretor escolhe um colégio católico e não um colégio “normal”? Esse fato remete ao fato de que mesmo as meninas sendo bruxas eles deveriam manter uma certa aparência religiosa para não deixar pistas de que elas eram bruxas e continuar fazendo seus rituais. De acordo com Eni Orlandi: “Não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos”. (ORLANDI, 2009, p. 9).

### **A religião da Wicca Diânica no filme *Jovens Bruxas***

*Jovens Bruxas* contém muitos elementos representacionais da religião Wicca Diânica dentro do seu roteiro. Como por exemplo os rituais, símbolos como o pentagrama, velas, entre outros. Não é sem propósito que Fleming diretor da obra contratou Pat Devin, uma Sacerdotisa Diânica Anciã como consultora de sua obra. Pat trabalhou em conjunto com o diretor nas cenas de rituais<sup>14</sup>, compondo e trazendo alguns elementos simbólicos que fazem parte da religião wiccana para o filme, como velas, pentagramas, entre outros. Apesar disso, Fleming destaca que a intenção dele não era fazer uma representação verdadeira e original da Wicca enquanto religião. Em entrevista ao site Huffpost, o diretor declara:

Eu fiz muita pesquisa e foi muito interessante porque havia tantos equívocos sobre o paganismo. Foi a ideia de mostrá-lo de maneira mais realista e como

---

<sup>12</sup> segundo Francisco Bernette “A Virgem de Guadalupe é uma figura mítica que, além de cumprir a função de proteger os sem-teto, cumpre outra função sócio-histórica de acompanhar aqueles que se sentem oprimidos e querem lutar contra os opressores. No México, gera-se um consenso social em torno dessa imagem religiosa, que favorece a grande maioria: atende tanto aos índios como aos crioulos e mestiços; a todos os interessados em se tornar independentes dos espanhóis peninsulares.” (GARCIA, 2016, p. 35).

<sup>13</sup> Para Zsuzsanna Budapest: “Acenda velas brancas no altar. Pense no trabalho que você fará. Incenso de luz: Magia branca, ritual ou Nossa Irmã de Guadalupe. Enquanto o incenso preenche seu espaço, pense na Deusa da Vida permeando os poros do seu corpo.” (BUDAPEST, 1989, p.37)

<sup>14</sup> Segundo Devin: “Eu escrevi a cena da Iniciação, usando palavras comuns e generalizadas para o desafio. Sugeri vários atos rituais possíveis para aquela cena. Andy escolheu uma gota de sangue no vinho, que é baseada em um rito do meu grupo 1734.” (DEVIN, 1998)

as pessoas o praticam. Se a mágica acontecer, isso tornará mais crível. Foi a partir de um lugar da realidade e fazendo as meninas se sentirem como se tivessem problemas do mundo real. Foi com isso que eu entrei. (FLEMING, 2016).

Mesmo que não fosse totalmente fiel aos elementos representacionais da religião Wicca, Fleming traz questões relevantes sobre a mesma. Mas como ele mesmo enfatiza, se apropria da religião Wicca para produzir sua obra e através da mesma construir seu discurso. De acordo com Mônica Kornis, o filme não é a cópia fiel da realidade e sim uma construção feita por seu realizador. (1992, p.240).

Seja por influência da Wicca enquanto religião na produção ou pelos estudos que o próprio diretor afirma ter adquirido acerca da bruxaria para a criação de sua obra, ele construiu suas personagens de uma forma a mostrar como a sociedade enxerga a bruxaria. Ele as cria com características visuais e simbólicas que remetem a uma visão medievalista; com uma perspectiva medieval cristã.

### **A Wicca Diânica como prática religiosa**

A Wicca Diânica é uma religião neopagã que surgiu nos Estados Unidos na década de 1970. Seus cultos giram em torno da chamada *Grande Deusa* e do contato com a natureza. A Wicca Diânica enquanto religião se apropria de deusas da antiguidade para legitimar o seu discurso. O discurso que Budapest elabora é um discurso que abrange o campo cultural e político. Ela não está tratando apenas do sagrado, talvez seja o seu intuito inicial, porém ao analisar a obra se percebe que o seu discurso abrange outros campos. Quando Budapest fala da desconstrução do patriarcado ela está falando de uma constituição social que está presente na cultura daquela sociedade em questão. É uma luta também política, pois busca elucidar acerca de símbolos incluídos na sociedade. Para Angie Simonis Sampedro:

O feminismo cultural queria alcançar uma nova "definição" do que significava ser mulher, porque a existente estava contaminada, distorcida e manipulada pelo pensamento patriarcal masculino. Nessa redefinição, mitos e arquétipos associados à feminilidade terão um papel importante, reinvestindo as qualidades atribuídas pelos homens às mulheres a partir de sua utilidade para o sistema patriarcal (como o mito de Eva, de Penélope tantos outros) e transformá-los em qualidades positivas e construtivas para novas mulheres (SAMPEDRO, 2012, p.36).

Então a autora cria a literatura para iniciar as mulheres à religião. A Wicca Diânica se fundamenta como uma continuação de culto pré-cristão: “Minha mãe tinha uma grande coleção de folclore e itens relacionados ao paganismo húngaro. Eu herdei o amor dela pelas religiões pré-cristãs.” (BUDAPEST, 1989, p.8). *O Livro Sagrado dos Mistérios femininos*, de Budapest, é feito especialmente para mulheres. Diferente das outras vertentes da Wicca que adoram o Deus e a Deusa, na Wicca Diânica somente deusas são veneradas. Os rituais foram elaborados pela autora com o propósito de auxiliar as mulheres em vários ciclos de suas vidas. Existem rituais para nascimento, menstruação, casamento, aborto, estupro entre outros. O discurso de Budapest é voltado para construção do matriarcado e representação da mulher no campo religioso. Szuzsanna destaca: A linguagem é uma ferramenta viva e no idioma inglês é particularmente importante estar consciente de como usamos palavras. Ao pedir ajuda, não diga "Oh, meu Deus", diga "Oh, minha Deusa". Se você o fizer com bastante frequência, com o tempo ele sairá naturalmente da sua língua. É só hábito (Budapest, 1989, p. 5). Para Janluis Duarte:

A associação final da Wicca como “religião da Deusa” acabou se completando através do viés político, através de ativistas feministas que abraçaram a nova religião ou, no sentido oposto, de praticantes da Wicca que abraçaram o movimento feminista, ao longo dos anos 1970. Nesse panorama, surgiram figuras que se tornaram proeminentes no desenvolvimento e na divulgação da Wicca. Uma delas foi a ativista húngara Zsuzsanna Emese Mokcsay, mais conhecida como Zsuzsanna Budapest, que radicou-se nos Estados Unidos em 1970 e fundou o primeiro *coven* formado apenas por mulheres, iniciando a tradição conhecida como *Dianic Wicca*. (DUARTE, 2013, p.37-38).

As várias vertentes da Wicca estiveram por um longo período fechadas em seus grupos de participantes quase que em um anonimato. Se pensarmos no contexto dos Estados Unidos que era um país majoritariamente cristão é de se perceber o porquê estas práticas religiosas se mantiveram por tanto tempo com seus grupos secretos. Budapest lança o seu livro em 1989, e, ainda segundo Duarte:

O período seguinte, correspondendo à década de 1980, corresponde à efetiva divulgação da Wicca, através da maciça publicação de obras contendo rituais e demais instruções para “tornar-se bruxo”. Esse período foi marcado pela virada conceitual que acabou caracterizando a Wicca como uma “religião da Deusa” e pela efetiva propagação da ideia da validade da auto-iniciação como forma de ingresso na religião (DUARTE, 2013, p. 45).

Como já descrito, Budapest sofre influência do contexto histórico que a inseria. O discurso que a autora cria para fundamentar a Wicca Diânica enquanto prática religiosa contém esses elementos que o feminismo de sua época suscita. Como descreve Eni Orlandi “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se de modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 2009, p.42). A elaboração do discurso de Zsuzsanna é contra os modelos instituído pela sociedade como a religião centrada na figura de um Deus masculino, evocando, assim, a figura da Deusa para representar esta mulher. Para Sampedro:

Uma das apostas básicas do feminismo de diferença tem sido mudar a ordem simbólica e a transformação dessa ordem simbólica tem que começar com o próprio criador do mundo e, portanto, com o mesmo discurso religioso que o configura, que é, talvez o mais influente na formação das sociedades, pensamentos e práticas humanas. O caminho para isso passa por uma desconstrução e retrabalho dos mitos (tanto da criação quanto do resto) que moldaram nossa psique ao longo dos séculos, e uma busca pelos arquétipos originais sobre a feminilidade que permitem às mulheres as mulheres se libertam da dominação simbólica que o patriarcado operou em sua psique (e na dos homens). (SAMPEDRO, 2012, p.33).

A proposta de Budapest é criar uma representação da mulher através de deusas justamente para desmontar esta figura que girava em torno do androcentrismo que estava presente na sociedade em questão desde a antiguidade. Para ela, sem o desmonte do patriarcado não seria possível que esta mulher obtivesse uma liberdade plena. Como aponta Elizabeth Maier Hirsch:

A libertação das mulheres dos laços patriarcais era a intenção inegociável do movimento feminista da segunda onda. Sua utopia de plena igualdade social, política e econômica entre os sexos significou a transformação radical do sistema, não apenas sua reforma. O casamento era visto como a institucionalização do trabalho não remunerado, metaforicamente próximo da escravidão no dia a dia. (HIRSCH, 2020, p.14).

E como Budapest fundamenta essa religião? Ela busca elementos de várias culturas como grega, romana, egípcia, suméria, asteca entre outras. “Como mulheres, no entanto, nos relacionamos com a Deusa global como Ela era adorada por grupos étnicos ao redor do mundo. Ela é mais parecida com a Deusa dos Dez Mil Nomes, mas toda vez que falamos sobre a Deusa, o que realmente queremos dizer é Vida - vida nesta terra. Nós sempre reconhecemos, quando

dizemos 'Deusa', que Ela é a doadora da vida, a que sustenta a vida. Ela é a mãe natureza” (BUDAPEST, 1989, p.4).

Observa-se que assim como nas demais vertentes da Wicca, a Diânica também tem essa ligação com a natureza: “A Wicca é uma religião da natureza, mas a natureza é entendida como uma realidade complexa, isto é; é desnecessário viver em uma floresta para ser um wiccaniano. Na verdade, a maioria dos wiccanos vive em grandes cidades.” (VELKOBORSKÁ, 2011, p. 246).

A Wicca Diânica busca se legitimar por meios dos elementos da Antiguidade como as deusas Ísis, Perséfone, Deméter, Hecate, entre outras. O próprio nome Diânica é uma associação à Deusa Diana. Na tradição romana, a deusa seria nomeada como Janus, ou Dianus, deus romano das mudanças e transições, como as estações do ano ou a agricultura. Na mitologia grega, além das deusas acima citadas, também à imagem de Ártemis. (PUGA, 2019, p. 99).

Em torno dessa mesma mesa de madeira, houve um grande debate: “O que queremos dizer com 'Dianica'? O que é isso? O que essa tradição significa para as mulheres?” Decidimos que é um culto centrado nas mulheres, somente feminino, dos mistérios femininos, mas não confinado apenas à adoração da deusa Diana. Diana é um nome europeu para a Deusa da Lua. Seu nome significa ‘Santa Mãe’ e nós amamos o nome. Muitos rios, como o Danúbio, são nomeados após ela, assim como várias outras áreas naturais. (BUDAPEST, 1990, p.4)

Essa apropriação que Budapest faz destas várias deusas para a composição de rituais busca, assim, a criação de uma identidade religiosa feminina que as representassem, ouvissem e respondessem essas mulheres. Quando um ritual fosse preparado estava ligado a este contexto do movimento onde o discurso era o desmonte destas estruturas sociais que tinha o homem como figura predominante não somente no campo social, político e cultural, mas também no religioso. Para Angie Sampedro:

A imagem da Deusa tem muito a oferecer às mulheres que lutam para cancelar os estados de desvalorização e difamação do corpo feminino, causados pelas religiões patriarcais, a desconfiança na vontade e o poder das mulheres e a negação de sua contribuição cultural. As mulheres estão criando uma nova cultura que celebra os laços entre elas, o poder que a natureza lhes confere, a sexualidade de seus corpos e a vontade de agir; É natural que a Deusa

reapareça como um símbolo de beleza, força e poder. (SAMPEDRO, 2012, p.38-39).

Percebe-se que a Wicca de forma geral vem com uma perspectiva parecida. Não para dominação religiosa, mas para aceitação e aprovação social, utiliza-se do sincretismo religioso (com elementos cristãos, da antiguidade, etc) para se fundamentar. É uma ressignificação a partir de releituras de religiões consolidadas para também buscar um tipo de aceitação sociocultural.

A religião da Wicca Diânica busca, assim como as outras vertentes, alegar que são uma continuação de um culto pagão pré-cristão. Entretanto, como destaca Douglas Bonfá, essa admiração pela antiguidade é uma forma de despertar grandeza: “Nós, contemporâneos, enxergamos os antigos com admiração e grandiosidade. Sendo assim, deve se destacar que, sempre no tempo presente, utilizamos de conceitos que remetem à Antiguidade para batizar objetos novos, com o intuito de lhes dar grandeza.” (BONFÁ, 2016, p.13).

### **A representação da bruxa no filme**

Quando se faz uma breve análise de qualquer filme que represente bruxas, o que se pode notar é a figura clichê das mesmas que normalmente são representadas por mulheres velhas, feias com verrugas, ou se são muito bonitas e usam o seu poder e beleza para conseguir o que desejam dos “pobres homens”. Bruxas são retratadas pelo cinema sempre como possuidoras de poderes sobrenaturais, que lançam feitiços, voam em vassouras, comem crianças, fazem poções, rituais, desaparecem de repente e praticam magia para conseguir o que desejam. Esses estereótipos foram construídos no período inquisitorial e condenaram muitas mulheres à fogueira. Conforme destaca Dolores Puga:

As justificativas para o extermínio poderiam ser as mais simples: era a mulher viúva, sem família e herdeiros, ou até mesmo a “feia anciã” muito embora, segundo Michelet, poderia ser mesmo “a mais jovem e bela”, por representarem, na construção do preconceito, a parte mais quista ou mais frágil da sociedade (PUGA,2018, p.87).

A produção hollywoodiana *Jovens Bruxas* até tentou fugir à regra em alguns aspectos. Entretanto, ao examinar a obra com mais profundidade, percebe-se que Fleming não consegue eliminar algumas dessas características, mesmo tentando incorporar elementos da bruxaria

moderna presente na religião Wicca e contratando uma sacerdotisa Wiccana como consultora do filme. O estereótipo da bruxa criado no período do final da Idade Média para a Moderna permanece presente na caracterização dos personagens. Como se sabe, a figura da bruxa e da bruxaria enquanto prática é vista por indivíduos que não a conhecem como um culto ligado ao demônio, ideia essa que vem desde o período inquisitorial e chega até atualidade introduzida no imaginário social pelo cinema. De acordo com Dolores Puga:

A bruxa, invenção do medievo, se caracterizaria como a personagem histórica com alusão direta ao “pacto com o demônio”, fator que, no caso da feiticeira, poderia simbolizar uma competência mais vaga de práticas mágicas as mais diversas, mas, nem por isso, deixando de ser igualmente mal vista na Idade Média, devido ao seu apelo ao sobrenatural. (PUGA 2018, p. 87).

O que está penetrado no imaginário da sociedade sobre a bruxaria é algo que remete ao medievo e início da época moderna: de mulheres possuídas por demônios, loucas, que amaldiçoaram e traziam má sorte. Essa perspectiva da bruxa é criada pelo cristianismo na Idade Média em transição para a Idade Moderna, quando mulheres eram levadas à fogueira por serem diferentes, ou até mesmo por possuírem algum conhecimento – questões típicas do período inquisitorial. Como destaca Carlos Ginzburg:

Numa sociedade atravessada por conflitos (ou seja, presumivelmente, qualquer sociedade), o que é mal para um indivíduo pode ser considerado um bem por seu inimigo; quem decide o que é o "mal"? Quem decidia, quando as bruxas eram caçadas na Europa, Que determinados indivíduos eram "feiticeiras" e "bruxos"? A identificação desses indivíduos era sempre o resultado de uma relação de força, tanto mais eficaz quanto mais seus resultados se difundiam de maneira capilar. Mediante a introjeção (parcial ou total, lenta ou imediata, violenta ou aparentemente espontânea) do estereótipo hostil proposto pelos perseguidores, as vítimas acabavam perdendo a própria identidade cultural. (GINZBURG,1991, p.2)

### **A representação da bruxa na religião Wicca Diânica**

Os elementos que compõem esta mulher que Budapest quer representar é de uma mulher forte que saiba lidar com os problemas que estão inseridos no seu cotidiano. Ela se apropria do termo bruxa para assim denominar as mulheres adeptas às suas práticas designando uma característica daquela que resiste ao um sistema a ela imposto e que luta contra as estruturas que estão postas na sociedade.

Muitas pessoas me perguntam por que eu uso a palavra "bruxa" tantas vezes no Livro Sagrado. Por que eu não chamo de "espírito da mulher" ou "guia interior da Deusa"? Palavras seguras, da Nova Era que não ameaçam ninguém. Minha resposta é que gosto da palavra "bruxa". É a única palavra em inglês que denota "mulher com poder espiritual". Eu sei que a propaganda de Hollywood, propaganda cristã, fez as pessoas pensarem que as bruxas são totalmente más. (BUDAPEST, 1989, p.8).

O termo bruxa para Budapest faz renascer a luta de mulheres que foram antecessoras a dela, como as que foram queimadas pelos inquisidores. Ela faz esta referência: “Sprenger [de *O martelo das bruxas*] irá girar em seu túmulo quando as mulheres aprenderem sobre o Grande Rito, um ritual sexual, e sem dúvida ele está certo em chamar todas as mulheres de bruxas (BUDAPEST, 1990, p. 13). De acordo com Kamila Velkoborská:

Foi baseado no fato simples e fundamental de que a bruxa é uma das poucas imagens do poder feminino independente que a cultura europeia histórica legou. Como os Estados Unidos se tornaram a principal fonte de feministas modernas pensamento em geral e o pensamento feminista radical em particular, a apropriação deste a imagem tornou-se virtualmente inevitável. A lógica simples por trás da espiritualidade da Deusa - um título que se tornou quase sinônimo de Wicca americana - era que a bruxa (como ela era imaginada) era um indivíduo poderoso e livre, não controlado por um homem. Portanto, para obter tal poder e a liberdade que a mulher contemporânea teve para liberar seu potencial oculto e se tornar uma bruxa. Como esta ação foi entendida como renascimento ou reclamação ao invés de criação de algo totalmente novo, as mulheres se voltaram para a arqueologia e a história, ou melhor ainda, para sua própria versão da história (VELKOBORSKÁ, 2010, p.248).

Vinculando às análises do filme *Jovens Bruxas*, é possível aprofundar um pouco mais nas personagens, pela maneira com que foram caracterizadas e também como as pessoas as veem na obra. É o caso de Nancy, por exemplo, que mora com a mãe e com o padrasto que é alcoólatra em uma casa muito pobre. A personagem é chamada de bruxa na escola pelos outros alunos por ser considerada louca, se vestir diferente, falar o que pensa. Sara, a nova aluna que chega na escola, é aconselhada a ficar longe dela. Bonnie tem uma doença que faz com que seu corpo possua cicatrizes como se fossem queimaduras. Rochelle é negra e sofre racismo por parte de seus colegas. Sara é bruxa de nascença e interpreta a bruxa boa, entretanto sofre de surtos psicóticos e tenta se matar. Ao examinar os elementos que compõe os personagens é nítido que o que prevalece é o estereótipo da bruxa no período inquisitorial.

## Considerações Finais

Diante das problemáticas que foram levantadas sobre as fontes documentais é possível observar como as construções sociais e culturais sobre determinadas religiões perpassa séculos. A religião da *Wicca Diânica* se denomina como bruxaria moderna, procurando criar suas tradições e rituais com um viés feminista, sempre empenhado a enaltecer a figura feminina. Dentro desta perspectiva, se apropria de elementos culturais e simbólicos da antiguidade com construções já consolidadas para a legitimação dos seus discursos e criação das suas tradições e rituais. A imagem construída pelo cristianismo sobre bruxaria persiste na contemporaneidade, e é representada na maioria dos filmes, e também está idealizada na mente do ser humano. Logo, cabe ao historiador como agente da História buscar desconstruir esses estereótipos, levando o conhecimento a todos os níveis intelectuais e buscando proporcionar reflexão sobre o outro.

## Fontes Documentais:

BUDAPEST, Zsuzsanna. **The Holy Book of Women's Mysteries**.3 ed. London: Wingbow Press, 1990.

DEVIN, Pat. Entrevista concedida a John Brightshadow Yohalem. **CoG Public Information Officer**, mar. 1998. Disponível em: <<http://wychwoodacastlebetweentheworlds.com/interviewWithPatDevin.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

FLEMING, Andrew. **Jovens Bruxas**. (DVD-vídeo). Sony, 1996.

FLEMING, Andrew. Entrevista concedida à Matthew Jacobs e Julia Brucculeri. *Relax, It's Only Magic: An Oral History Of 'The Craft'*. **Huffpost**, [S.L.], 2016, maio de 2016. Disponível em: <https://www.huffingtonpost.com> acesso em: 17/12/2018.

MATEUS. **Bíblia Sagrada** - Antigo e Novo Testamentos. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 1995. p.14-15.

## Imagens:

DOCKHORN, Francisco. "É mais expressivo no altar a imagem de Jesus Ressuscitado do que de Jesus Crucificado". **Redemptionis Sacramentum**. 2011. disponível em:

<[http://redemptionis-sacramentum.blogspot.com/2011/02/serie-mitos-liturgicos-comentados-mito\\_20.html](http://redemptionis-sacramentum.blogspot.com/2011/02/serie-mitos-liturgicos-comentados-mito_20.html)>. Acesso em: 22 de agosto 2019.

FLEMING, Andrew. **Jovens Bruxas**. (DVD-vídeo). Sony, 1996.

### Referências bibliográficas:

BONFÁ, Douglas Cerdeira. Antiguidade, identidade e os usos do passado. **Revista Est. Fil. E Hist. da Antiguidade**, Campinas, n. 30, p. 11-32, jan./dez. 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/DIFEL, 1985.

DUARTE, Janluis. **Reinventando tradições** – representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil. 239. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas / Departamento de História / Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna** – Decifrando o Sabá. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GARCÍA, Francisco Bernete. La resistencia de la Diosala Virgen de Guadalupe como formación de compromiso. Dialnet, **Madri**, Nº. 41, 2016, p. 33-43. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/466935>. Acesso em: 10/janeiro/2019.

HIRSCH, Elizabeth Maier. Revistando el Sentipensar de la Segunda Ola Feminista: Contextos, miradas, hallazgos y limitaciones, **Culturales**, v. 8, p.1-39, maio 2020. Disponível em: <http://culturales.uabc.mx/index.php/Culturales/article/view/780>. Acesso em 03 de junho de 2020.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KORNIS, Mônica Almeida. História e Cinema: um debate metodológico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, pp. 237-250

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PUGA, Dolores. Bruxas/Feitiçaria. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.) **Dicionário Crítico de Gênero**. Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2018, p. 87-91.

PUGA, Dolores. Reinvenções do Antigo: análises do discurso de autoridade e legitimação religiosa da Wicca Tradicional Britânica. In: HECKO, Leandro (org). **Antiguidades e usos do passado** – temas e abordagens. São João de Meriti [RJ]: Desalinho, 2019, p. 82-102.

ROSENSTONE, Robert A. **A História nos Filmes: Os filmes na História**. São Paulo, paz e terra, 2010.

SAMPEDRO, Angie Simonis. La Diosa feminista. el movimiento de espiritualidad de las mujeres durante la segunda ola. **Dialnet**, n 20, Dez 2012. Disponível:<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4281636>. Acesso em: 18 nov, 2019.

VELKOBORSKÁ, Kamila. Wicca in the USA: How a British-born Religion Became Americanized. In: TRUSNIK, Roman; NEMCOKOVÁ, Katarina; BELL, Gregory Jason (orgs.). **Theories and Practice** – Proceedings of the Second International Conference on English na American Studies. Univerzita Tomáše Bati ve Zlíne, 2011, p. 245-254.